

contado da data em que constar que se acham em effectivo exercicio.

Art. 48. A junta central de hygiene organisará e publicará uma relação dos profissionais matriculados, a qual será annualmente revista e tambem publicada com as alterações que se tiverem dado por morte, ausencia ou mudança.

As juntas e inspectores de hygiene das provincias organisarão, para serem publicadas, relações semelliantes, que enviarão por cópia á junta central na occasião em que remetterem os relatorios respectivos.

(Continua.)

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

ACÇÃO DO PERMANGANATO DE POTASSA SOBRE OS VENENOS, OS VIRUS E AS MOLESTIAS ZYMOTICAS — A nota do Sr. de Quatrefages, de que fallamos no penultimo numero desta *Gazeta*, acerca do permanganato de potassa, considerado como antidoto do veneno das cobras, provocou do Sr. Vulpian uma communicação sobre o mesmo assumpto, não confirmando, porem restringindo e em mui estreitos limites, as applicações das pesquisas do Sr. Lacerda.

O permanganato de potassa é instavel e decompõe-se quasi logo depois que é injectado nos tecidos, formando um deposito atrigueirado, granuloso, de hydrato de peroxido de manganez. Si a mordedura da cobra for recente inteiramente e o veneno não se tiver por muito longe espalhado, o permanganato poderá attingil-o antes de sua decomposição propria e destruir sua acção toxica. Si, entretanto, a mordedura datar de algumas horas e a diffusão do veneno se tiver consideravelmente estendido, o permanganato não pode atacal-o; senão depois d'elle proprio decomposto.

Nos casos, finalmente, em que, como crê o Sr. Lacerda, uma veia tiver servido de porta d'entrada ao veneno, uma injectação intra-venosa de permanganato de potassa será impotente para prevenir os efeitos do toxico, muito promptos por outro lado a se manifestarem, porque, alem de sua rapida decomposição, o permanganato, em dose efficaz, será toxico e, em dose sufficientemente diluida, será inerte.

A conclusão, pois, é que o permanganato de potassa só pode ser util nos casos de mordeduras mui recentes.

Segundo uma brochura italiana apresentada á Academia de medicina pelo Sr. Bouley, o permanganato de potassa não procede do mesmo modo em presença do

veneno de diversas cobras. Assim, ao passo que os actos que acabamos de referir demonstram sua acção sobre o veneno do bothrops do Brazil, nenhuma influencia tem elle sobre o da vibora.

É esse, justamente, o ponto que, a nós Europeus, mais de perto toca. É de desejar que experiencias acerca d'este assumpto sejam apprehendidas em França.

Quanto á acção do permanganato de potassa no tratamento das molestias zymoticas, o Sr. Vulpian diz, ao terminar sua communicação, que a experimentação sobre os animaes leva-o a não aconselhar absolutamente a experiencia.

Fazemos notar que, no que precede, ha dois pontos a considerar-se: 1º, o methodo, que consiste em, por meio de injectões sub-cutaneas ou intra-venosas, buscar attingir e destruir no foco a substancia venenosa, virulenta, septica ou toxica, introduzida na economia; 2º, o agente a empregar-se — o qual pode, deve mesmo, variar segundo o caso — assim umas vezes permanganato de potassa, outras, tintura de iodo, soluções phenicadas, etc. Vê-se, pois, que campo experimental está aberto á commissão instituida pela academia das sciencias como a todos que se interessam em questões de tão alta importancia. (*Gazet. Med. de Paris*, Março 18, 1882.)

LINHA DIFFERENCIAL DAS FALSAS MEMBRANAS DIPH-
THERITICAS E DAS CATHARRAES, pelo Dr. de Albertis —
O Dr. de Albertis, tratando as falsas membranas não diphtheriticas pelo acido sulfurico, obteve crystaes indissolaveis no ether, no alcool absoluto, soluveis nos alealis, e que se podem considerar como crystaes de tyrosina. Nada semelhante ás membranas diphtheriticas.

O auctor deduz de suas experiencias as seguintes conclusões:

1.ª — A falsa membrana diphtherica tem uma composição chimica differente da da falsa membrana inflammatoria;

2.ª — Ella não encerra compostos aromaticos como a tyrosina;

3.ª — A acção exercida pelo acido sulfurico e o exame microscopico são sufficientes para estabelecer a natureza de uma falsa membrana. (Marius Rey: *Bullet. delle Scienze Mediche*, Julho de 1881. Transcripção da *Gazeta medica de Paris*, Novembro de 1881.)